

Marcas e memórias do educador musical José Vieira Brandão no Instituto de Educação do Rio de Janeiro¹

Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti

Resumo: O presente texto apresenta reflexões sobre a trajetória do educador musical José Vieira Brandão (1911-2002), sobretudo, nos cursos de formação de professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, por meio da análise de diferentes documentos (auto)biográficos. O *corpus* documental da pesquisa é interrogado com as seguintes questões: como José Vieira Brandão ingressou no Instituto? Quais foram suas atividades e estratégias na instituição para se consolidar como docente? Depreende-se como resultado da pesquisa que suas habilidades e competências pianísticas deram-lhe significativo destaque, fato que motivou sua contratação pelos gestores da instituição. Além disso, percebem-se também que as suas viagens ao exterior e composições – principalmente, a do Hino do Instituto - foram utilizadas como estratégias no processo consolidação do docente no meio pedagógico da cidade então capital da república.

Palavras-chave: Educação musical. História da educação. Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

Marks and memories of the music educator José Vieira Brandão at the Instituto de Educação do Rio de Janeiro

Abstrac: This paper presents reflections on the history of music educator José Vieira Brandão (1911-2002), in particular on the teacher training courses at the Instituto de Educação do Rio de Janeiro through the analysis of different autobiographical documents. The documentary research corpus asked the following questions: How did José Vieira Brandão come to join the Instituto? What activities and strategies did he use in the institution to consolidate his teaching practice? Through research completed during the course of this paper, it seems that his knowledge and his pianistic skills gave him a special edge, a fact that led to his being hired by the institution managers. What's more, recognition is due for the fact that his trips abroad and musical compositions - especially the Institute Anthem (1940) – were used as strategies for teaching the consolidation process in Musical Pedagogy in Rio de Janeiro, the then capital of the Republic.

Keywords: Music education. History of education. Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

¹ CAPES

Introdução

Tive o privilégio de iniciar minha carreira profissional na órbita de Villa-Lobos, no mês de maio de 1932. Conservei em minha memória a extraordinária emoção de que fui possuído, pianista egresso do Instituto Nacional de Música, atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando, ao adentrar na sala 133 do Instituto de Educação, ouvia as maravilhosas harmonias do Prelúdio número 22 de Bach cantado pelo Orfeão de Professores do Distrito Federal.

Naquela época, o meio musical do Rio de Janeiro não dispunha de corais organizados e muito menos de conjuntos vocais à capela. Daí a razão do impacto que recebi ao defrontar-me com a música levada para planos sonoros inteiramente novos para o neófito que então eu era. E isto, numa esfera de arte que se respirava com a presença impressionante de Villa-Lobos transmitindo nova vida a esta maravilhosa página escrita para cravo.

A partir desse dia, compreendi que a missão do músico tem dimensões muito mais vastas, ultrapassando as fronteiras limitadas do instrumentista intérprete, colocado em sua torre de marfim, supervalorizando a si próprio. Envolvido em sua vaidade e soberba não tem a percepção da realidade de sua nobre missão de educador.

Tive, pois, o privilégio de iniciar nessa ocasião uma íntima associação com o gênio musical mais discutido e controvertido de sua época, com o admirável compositor, com o artista e educador dinâmico, e principalmente, com a excepcional figura humana de Villa-Lobos, o amigo certo, leal e sincero, a quem passei a venerar como um pai espiritual (BRANDÃO, 1969, p. 1).

Dentre os documentos dos tributos e homenagens prestadas a Villa-Lobos, por ocasião dos dez anos de sua morte, está o manuscrito da fala de José Vieira Brandão, quando se pronunciou no VI Ciclo de Palestras organizado pelo Museu Villa-Lobos, em 1969. A partir desse documento, transcrito como epígrafe do presente artigo, é possível refletir o encanto que o Orfeão de Professores do Distrito Federal exerceu sobre a vida de José Vieira Brandão, principalmente nos ensaios na sala 133 do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Nesta atmosfera, a alma de um músico com uma formação erudita consolidada foi tocada pelas polifonias que se articulam com a ideologia nacionalista, com o civismo e com símbolos que fomentam o amor à pátria.

As trilhas pedagógicas e artísticas de José Vieira Brandão aqui analisadas numa perspectiva histórica, foram constituídas por uma pesquisa documental que abarca diferentes fontes: cartas, relatórios, partituras, esboço autobiográfico e os outros documentos encontrados no Centro de Memória da Educação Brasileira - sediado no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro -, no Museu Villa-Lobos (MVL), na Biblioteca do Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário, no acervo histórico da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ, no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do

Brasil da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC/FGV e na Divisão de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional - DIMAS.

Nesta perspectiva sobre as fontes, vale ressaltar juntamente com as ideias de Souza (2007, p. 139) “que o movimento biográfico no Brasil tem sua vinculação com as pesquisas na área educacional, seja no âmbito da História da Educação, da Didática e Formação de Professores, bem como em outras áreas que tomam as narrativas como perspectiva de pesquisa”.

O *corpus* documental deste estudo foi articulado com o relato de uma ex-aluna do Instituto, que, na Era Vargas, participou das aulas da disciplina Música e Canto Orfeônico, do Orfeão Geral e do Orfeão Artístico do Instituto. Sendo assim, interrogo estas fontes com as seguintes questões: como José Vieira Brandão ingressou no Instituto de Educação do Rio de Janeiro? Quais foram as suas estratégias e atividades na instituição para se consolidar, conquistar status e notoriedade como intelectual e como educador musical nacionalista?

Entendo serem significativas estas reflexões sobre José Vieira Brandão no Instituto de Educação do Rio de Janeiro pelo fato de realçar a própria trajetória do artista como educador musical. Este docente brasileiro teve projeção internacional e atuou como docente e gestor em algumas das mais importantes instituições de música do Brasil. Um artista que tocou nos principais palcos musicais conhecidos do seu tempo, que foi júri de renomados concursos de piano. Hoje, geralmente, é conhecido apenas por um pequeno grupo em seu país, formado por professores de música e músicos profissionais que trabalham com repertório pianístico de concerto, que utilizam suas gravações como referência interpretativa das obras de Heitor Villa-Lobos e por aqueles que ainda vivos, no século passado, acompanhavam o cenário musical do Brasil.

Para dar contornos, na perspectiva metodológica, o texto está organizado em dois momentos da trajetória de José Vieira Brandão no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. No primeiro, preocupo-me em descrever a formação musical do educador e sua aproximação ao maestro Villa-Lobos, responsável por seu ingresso na instituição de formação de professores. Depois, no segundo momento, centro as atenções na trajetória pedagógica do musicista, na sua atuação como professor de Música e Canto Orfeônico e nas suas estratégias de consolidação entre os compositores nacionalistas.

O convite de Villa-Lobos

Numa entrevista dada à jornalista Ana Cecília Martins, relato que foi publicado no *Jornal do Brasil*, em 10 de maio de 2001, José Vieira Brandão explicou que havia ganhado uma bolsa para estudar com Marguerite Long, no Conservatório de Paris, quando Villa-Lobos o convidou para realizar atividades pedagógico-musicais no Rio de Janeiro. Com suas palavras: “mas nessa época conheci Villa-Lobos, no momento que implantava o ensino do Canto Orfeônico nas escolas do país. Já estava com a viagem marcada para a Europa, mas preferi ficar aqui e lecionar no Instituto de Educação” (JORNAL DO BRASIL, 2001, p. 7).

Este professor de Música e Canto Orfeônico do Instituto de Educação tinha uma formação pianística bastante consistente. A dedicação à performance instrumental de Vieira Brandão começou muito cedo, em Cambuquira, Minas Gerais, cidade onde nasceu, no dia 26 de setembro de 1911. Jane Borges de Oliveira dos Santos na *Biografia Documentada de José Vieira Brandão* apresenta a família do pianista como um núcleo bastante conservador. Afirma que “seus pais traziam na sua história fortes lembranças de um passado aristocrático e rigorosa formação católica. Sua mãe, muito bonita, pequenina e submissa, era filha do Barão do Rio das Flores” (SANTOS, 2003, p. 10). Descreve que a “veia” artística de José era oriunda do seu pai, médico que foi prefeito de Cambuquira em diversos mandatos. Um homem apreciador das artes “que cultivava o gosto pela música e poesia” (p. 10).

Thomé Dias dos Santos Brandão desejava uma formação sofisticada para os seus filhos, José e Octávio. Por isso, quando o pequeno pianista estava com sete anos, seu pai mandou os seus herdeiros para a casa dos tios Adolfo e Luiza, no Rio de Janeiro, para terem acesso às melhores escolas e professores do Brasil, pois a cidade, que era a capital da república, era considerada uma referência de excelência no país. Dessa maneira, ainda menino, Vieira Brandão teve suas primeiras aulas particulares de piano com os melhores professores do então Distrito Federal (SANTOS, 2003).

Diferentemente do seu irmão, Octávio, que optou pela medicina - a mesma carreira do pai, colocando a música num plano secundário -, José Vieira Brandão seguiu seriamente com os estudos de piano. Em 1924, ingressou no curso do Instituto Nacional de Música. Assim, aliou a sua bagagem cultural familiar com a formação acadêmica e, no ano seguinte, com quatorze anos, brindou o público carioca com um concerto na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, hoje

conhecida como Rádio MEC (JORNAL DO BRASIL, 2001). Essa foi a primeira apresentação ao grande público na sua carreira musical, o início de uma trajetória que o levou para diferentes partes do mundo como instrumentista.

Conforme consta no livro de Registro de Diplomas do Instituto Nacional de Música ([s.d.], p. 13), terminou o Curso de Piano com a premiação máxima, a Medalha de Ouro de 1928. Título aferido pelos professores da instituição por meio de prova para homenagear o melhor aluno formando do ano letivo. Neste concurso, José Vieira Brandão tocou o *Scherzo* op. 39, em Do# menor, de Frédéric François Chopin; o Prelúdio e Fuga número 3, do primeiro volume do *Cravo Bem Temperado*, de Johann Sebastian Bach; e a Sonata op. 57 - *Appassionata* – de Ludwig Van Beethoven (INSTITUTO NACIONAL DE MÚSICA, 1928).

Após sua formatura, como era de costume acontecer com os alunos premiados do Instituto Nacional de Música, José Vieira Brandão foi convidado para tocar em muitas cidades do interior do Brasil, principalmente nos conservatórios estaduais de Minas Gerais, sua terra natal. Nesse período, sua carreira artística era intensa e ainda não estava vinculado com o projeto orfeônico de Villa-Lobos no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Porém, já havia estabelecido relações com outros músicos de destaque, como Issac Feldman, Ibere Gomes Grosso, Oscar Borgerth. Apresentou-se como solista e camerista em audições em salas de concerto, associações, instituições de ensino, rádio e teatros (JORNAL DO BRASIL, 2001).

Em 1932, Vieira Brandão ingressou no curso de emergência para a formação de professores de Música e Canto Orfeônico, oferecido pela Superintendência de Educação Musical (SEMA) aos músicos portadores de diplomas. No ano seguinte, quando concluiu a sua formação pedagógica, o pianista tornou-se habilitado para ministrar aulas em escolas seculares. No decorrer do curso atuou como professor auxiliar na Escola Cesário da Mota, na Escola Álvaro Batista e no Colégio Resende, todas sediadas na então capital da república. Dentre outros dados dos professores diplomados em 1933, há no programa de formatura um destaque para a formação musical de Brandão, especialmente para a Medalha de Ouro que conquistou no concurso do Instituto Nacional de Música (SEMA, 1933).

Neste período, como aluno do Curso de Formação em Música e Canto Orfeônico, Vieira Brandão começou a cantar no naipe de tenores do Orfeão dos Professores do Distrito Federal, grupo formado por discentes selecionados da disciplina Música e Canto Orfeônico do Instituto de Educação e por professores vinculados à Superintendência de Educação Musical e Artística. No

convívio deste grupo musical, José aproximou-se de Heitor Villa-Lobos e, depois de formado, tornou-se o pianista do grupo coral. Sua estreia como instrumentista do Orfeão foi no dia 24 de junho de 1934, numa apresentação no Teatro João Caetano (SEMA, 1934).

Vale destacar que, mesmo envolvido com o projeto orfeônico nacional, José Vieira Brandão não abandonou sua carreira artística. Nesta perspectiva, manteve seus estudos de piano. No período que o músico ficou sem o seu instrumento, para manter seus estudos, praticava duas horas no Instituto Nacional de Música, depois outras duas horas na casa de sua irmã, “e outras duas horas na casa de Villa-Lobos” (JORNAL DO BRASIL, 2001, p. 7). Conta ainda que, nesta ocasião, Villa-Lobos pedia-lhe que “testasse suas composições” (p. 7). Assim, frequentado o lar do maestro, tornou-se revisor das peças villalobianas. Também era ensaiador e pianista do Orfeão de Professores do Distrito Federal.

A visita de Marguerite Long à capital da república proporcionou projeção a José Vieira Brandão, principalmente como pianista. O músico participou tocando em todas as aulas públicas ministradas pela professora do Conservatório de Paris no Rio de Janeiro. Sua função era executar as peças que eram apresentadas como exemplo nas aulas. Depois dessa temporada com Long no Brasil, a musicista desejou levá-lo para Europa e para tanto ofereceu uma bolsa ao músico brasileiro. Brandão ficou muito animado com o convite e começou a se preparar para a viagem. Entretanto, naquele período, o artista já estava bastante envolvido com o Canto Orfeônico no Brasil e, ao compartilhar suas pretensões de morar na Europa com Villa-Lobos, o gestor do projeto solicitou que a viagem fosse deixada para o futuro, garantindo que o ajudaria na conquista de outra bolsa de estudos no exterior (JORNAL DO BRASIL, 2001, p. 7).

Considerando o contexto familiar do músico, sua trajetória acadêmica e o destaque que fez na entrevista ao *Jornal do Brasil* sobre sua renúncia ao convite da docente do Conservatório de Paris, é possível afirmar que não foi uma decisão fácil para o professor ficar no Brasil para atuar como um educador no campo da música.

Em 1940, logo após o término das atividades da Universidade do Distrito Federal - UDF, Vieira Brandão foi convidado por Villa-Lobos para orientar e supervisionar o ensino da Música e Canto Orfeônico no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. No mesmo ano também foi nomeado, na gestão Oscar Lorenzo Fernandez, como professor titular de Piano e Canto Coral no Conservatório Brasileiro de Música, instituição na qual atuou como diretor e depois como presidente, de 1990 até a sua morte, em 2002 (CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE

MÚSICA, 2011). O músico era satisfeito e grato pelas portas que foram abertas por seus professores, que se tornaram colegas de trabalho no Instituto (BRANDÃO, 1969).

Nas palavras de José Vieira Brandão percebe-se que suas atividades musicais junto a Villa-Lobos no Instituto de Educação do Rio de Janeiro não eram apenas com fins pedagógicos. Sua trajetória ao lado do Maestro valorizava a sua carreira como educador e como intérprete. Sobre sua atuação como pianista escreveu em seu esboço autobiográfico:

Tem como credenciais concertos realizados no Brasil e no estrangeiro. Tendo se dedicado ao estudo da obra pianística de Villa-Lobos, foi pelo Mestre destacado como seu intérprete preferido. Devido à sua convivência com o grande compositor apresentou inúmeras primeiras audições mundiais de grande porte das obras para piano de Villa-Lobos, tendo gravado em 1940 na Victor Brasil o 'Ciclo Brasileiro' e peças do 'Guia Prático' e em 1952 na SINTER S.A. em Long-play 'Impressões Seresteiras', 'Festa no Sertão', 'Dança do Índio Branco', 'Guia Prático' e outras páginas do Mestre (BRANDÃO, [s. d.], p. 2).

O destino internacional de estudo de Vieira Brandão não foi Paris, como estava previsto na década de 1930. Sua rota foi do Brasil para os Estados Unidos da América e seus estudos, que seriam no campo das práticas interpretativas, ficaram focalizados na educação musical. No seu esboço autobiográfico registrou:

Em 1945 viajou aos Estados Unidos em gozo de uma bolsa de estudos para observar a educação musical nas escolas americanas. Realizou palestras e recitais de música brasileira em Los Angeles, São Francisco, Chicago, Boston, New-York, Filadélfia, Washington e outras cidades americanas, tendo nesta oportunidade representando o Brasil na Bienal de Educação Musical em Cleveland, onde atuou como conferencista, pianista e regente de coros (BRANDÃO, [s. d.], p. 2).

Vale destacar que, do final do século XIX para as primeiras décadas do século XX, boa parte dos brasileiros que podia fazer uma viagem à Europa estava mudando sua rota para os Estados Unidos, pois o país norte-americano transformara-se em uma alternativa atraente nos aspectos políticos e culturais. Segundo Chamon e Faria Filho (2007), para muitos brasileiros, o norte da América era um novo horizonte, principalmente na perspectiva de rompimento com o modelo europeu. Sendo assim, penso que Vieira Brandão estava em consonância com as ideias de alguns signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 que transitavam pelo Instituto de Educação do Rio de Janeiro, pois algum destes intelectuais estudaram naquele país, como Anísio Teixeira, no Theater College da Universidade de Colúmbia, em Nova York (MONTI, 2015).

Consideradas como uma estratégia de consolidação intelectual (SILVA, 2012), estas viagens eram apoiadas por Villa-Lobos. Pelo que indicam as cartas, o músico tentava honrar o que havia prometido a José Vieira Brandão. Contudo, este apoio villalobiano quase sempre acontecia vinculado com os interesses do próprio Heitor. É recorrente, nas correspondências do maestro líder do Canto Orfeônico no Brasil para os gestores do Departamento de Educação do Distrito Federal, a solicitação de afastamento do Instituto de Educação nos meses de janeiro a março de ambos os músicos, no mesmo pedido. É possível perceber que o educador utilizava de sua notoriedade para conseguir a dispensa dos músicos nos meses de férias. Como fez na carta que escreveu ao reitor da Universidade do Distrito Federal, Afonso Pena Junior, já que naquele período o Instituto estava vinculado à UDF. Nas palavras de Villa-Lobos (1936, p. 1):

Tendo sido convidado por algumas instituições culturais dos Estados Unidos para participar de várias realizações artísticas e educacionais nesse país, no período de 15 de janeiro a 20 de março, tomo a liberdade de solicitar por intermédio de V. Exa. a devida permissão para me ausentar do Brasil naquele período, que por coincidência é de férias normais no ensino, sem maiores ônus para o Departamento de Educação além dos vencimentos respectivos².

É importante ressaltar que, no período dessa carta, Anísio Teixeira e Afrânio Peixoto já não eram mais os destinatários das correspondências administrativas dos professores de Música e Canto Orfeônico do Instituto de Educação. Apesar da Universidade do Distrito Federal destacar-se como uma instituição de ensino progressista no país, na década de 1930, o movimento comunista, de novembro de 1935, provocou muitas barreiras políticas para o seu bom desempenho, porque seu mentor, Anísio Teixeira, era considerado comunista (FAVERO, 1996). No mês seguinte à revolta comunista, o prefeito da capital da república, Pedro Ernesto, exonerou o seu secretário de Educação, Anísio Teixeira, como também o reitor da UDF, o médico, professor de História da Educação, Afrânio Peixoto, e mais um grupo de professores (MENDONÇA, 2002).

Esse fato gerou uma séria crise na Universidade do Distrito Federal no seu primeiro ano de funcionamento. Neste contexto, Afonso Pena Junior, destinatário da correspondência em questão, foi empossado como reitor. Em sua gestão, trabalhou na perspectiva de garantir a manutenção dos docentes e na capitação de novos mestres para atuarem na Universidade. Talvez,

² Carta escrita por Heitor Villa Lobos ao Reitor da Universidade do Distrito Federal, Afonso Pena, 03 janeiro de 1936. Fonte: Arquivo do Centro de Memória da Educação Brasileira. Rio de Janeiro – RJ.

pela consciência da fragilidade e carência da instituição naquele momento, que não podia perder mais professores, Villa-Lobos tenha feito a solicitação de autorização à reitoria para ausentar-se do Brasil, pois sabia que precisavam do seu apoio. Nesse ensejo também incluiu o jovem pianista, na carta expressou seu desejo assim: “Necessitando de auxiliares para tão importante missão, solicito outrossim a V. Exa. que seja estendida a mesma permissão, em idênticas condições ao professor JOSÉ VIERA BRANDÃO, que deverá acompanhar-me nesta viagem” (VILLA-LOBOS, 1936, p. 2)³.

Depreendo também que havia esquematizações entre os músicos do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, porque alternavam as oportunidades entre os que faziam parte dos seus núcleos, das suas redes de sociabilidades. E, como elucida Sirinelli, é a partir da troca, da alternância entre membros de um grupo, do intercâmbio, dos laços que se atam, de contatos e de articulações do microcosmo de um grupo que se constitui o perfil de uma rede de intelectuais (SIRINELLI, 2003). E, dessa vez no jogo, enquanto Villa-Lobos e Vieira Brandão foram abrir novas frentes no exterior, o líder do grupo sugeriu ao reitor outro membro para ficar no Brasil, planejar as atividades para o novo ano letivo e acompanhar as turbulências comunistas no Instituto de Educação. No documento epistolar Heitor escreveu:

Aproveito a oportunidade para sugerir a V. Exa., caso esteja de acordo, a designação do maestro OSCAR LORENZO FERNANDEZ para me substituir durante minha ausência na direção dos trabalhos musicais da Universidade do Distrito Federal, sem quaisquer ônus extraordinário para os cofres da prefeitura, além dos vencimentos já previstos com o ordenado do professor (1936, p. 2)⁴.

Assim, por um lado, com esta solicitação de Villa-Lobos ao reitor da Universidade do Distrito Federal, deferida na semana seguinte, constata-se que o maestro pode cumprir o que havia combinado com José Vieira Brandão. Ao mesmo tempo, na viagem aos Estados Unidos da América, pode usufruir do potencial do músico como pianista e colocar Oscar Lorenzo Fernandez, um compositor nacionalista de sua confiança, na liderança musical da Universidade do Distrito Federal.

³ Carta escrita por Heitor Villa Lobos ao Reitor da Universidade do Distrito Federal, Afonso Pena, 03 janeiro de 1936. Fonte: Arquivo do Centro de Memória da Educação Brasileira. Rio de Janeiro - RJ

⁴ Idem.

Estratégias de consolidação intelectual

Nas décadas de 1930 e 1940, Villa-Lobos e Lorenzo Fernandez, as principais referências de Brandão, já desfrutavam de consolidado prestígio como compositores, já que começaram a ganhar notoriedade na década de 1920, principalmente com os movimentos modernistas da Semana de Arte Moderna, em 1922 (MONTI, 2015). Entretanto, nos Anos 20 do século XX, José Vieira Brandão ainda era um menino. Penso que ele não desfrutar de notório status como compositor, como os seus parceiros gozavam, seja o motivo dele ter sido indicado por seus pares para compor o Hino Oficial do Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

Hino do Instituto de Educação

Música: José Vieira Brandão (1942)

Letra: Ismael França Campos

Instituto fanal cuja história
Tradições e lauréis vem lembrar!
Óh, luzeiro sem par, tua glória
Vimos todos de pé celebrar!
Teu clarão nossas almas inflama
Faz bem presto convictos sentir
Que o destino da pátria reclama
Nossa oferta no altar do porvir!

(Refrão)

Salve! Glória te rendemos,
Com orgulho juvenil
Passo firme caminemos
À vanguarda do Brasil!

Afirmamos no ardor do civismo
Nossas vidas ao bem consagrar
Santa Cruz jamais viu patriotismo
Tão grandioso o seu nome exaltar!
Prometemos formar paladinos
Conduzí-los em luz e labor
Corações que proclamem os hinos
Da justiça, da paz e do amor!

(Refrão)

Salve! Glória te rendemos,
Com orgulho juvenil
Passo firme caminemos
À vanguarda do Brasil!

O hino em ritmo de marcha marcial é empolgante, cantado até os dias de hoje no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Sua melodia é bastante simples, com muitos graus conjuntos, uma estrutura que facilita a afinação e memorização. Na tonalidade de Ré maior, a nota mais grave é o Ré 3 e a mais aguda é o Mi 4. Ou seja, a tessitura da peça é mediana, o que torna a execução possível para quase todos os cantores. Há nas marginálias das partituras manuscritas, encontradas no acervo do Centro de Memória da Educação Brasileira, a data de setembro 1940, o vestígio mais antigo do hino. Não há nas músicas, nem em outros documentos, o dia específico da criação da música e da letra, ou o registro de um evento no qual a peça teria sido cantada pela primeira vez, numa estreia oficial.

Nas partituras de 1940, as mais antigas do acervo do Centro de Memória da Educação Brasileira, há duas versões. Uma com linha melódica para o canto e com acompanhamento para ser executado ao piano. A segunda, também com a parte vocal em uníssono, e um arranjo para banda sinfônica. Nesta última, na grade, consta parte para instrumentos de sopro de metal: trompete, trompa, trombone e tuba; sopro de madeira: flautim, flauta e clarinete; percussão: bumbo, caixa, tarol, prato, surdo, xilofone e metalofone. Vieira Brandão também fez um arranjo coral, à quatro vozes, do hino. Versão que o Orfeão Artístico do Instituto de Educação cantava à *capella* nas solenidades que participava dentro e fora da instituição. O Orfeão dos Professores do Distrito Federal também o entoava quando se apresentava no auditório do prédio da rua Mariz e Barros. Espaço hoje conhecido como Teatro Fernando de Azevedo.

Além desses, existe um arranjo mais recente feito por José Vieira Brandão, com data de 1974, para o Orfeão Carlos Gomes cantar nas celebrações comemorativas referentes à fundação do Instituto de Educação. Esse arranjo é para vozes femininas, não há o acompanhamento para ser tocado ao piano ou qualquer outro arranjo instrumental, é à *capella*. Destaco que, nesse período, após a Era Vargas, no governo militar, o grupo vocal era essencialmente formado pelas alunas do curso de formação de professores e regido pela maestrina Elza Lakschevitz.

Instituto fanal cuja história
Tradições e lauréis vem lembrar!
Óh, luzeiro sem par, tua glória
Vimos **todas** de pé celebrar!
Teu clarão nossas almas inflama
Faz bem presto **convictas** sentir
Que o destino da pátria reclama
Nossa oferta no altar do porvir! (*grifo do pesquisador*)⁵

Entendo que essa nova roupagem do Hino Oficial do Instituto de Educação do Rio de Janeiro demonstra o quanto a atuação e a produção de José Vieira Brandão ainda reverberam, por décadas, na instituição de formação de professores. Muitas das peças do repertório trabalhado por este educador foram utilizados pelas maestrinas Elza Lakschevitz e Solange Pinto Mendonça. Educadoras que sucederam, respectivamente, o compositor do hino como regentes do Orfeão Artístico do Instituto, hoje chamado Orfeão Carlos Gomes (MONTI, 2015).

Figura 2 - Prof.^a Elza Lakschevitz e o Orfeão Carlos Gomes (1974)



Fonte: Arquivo do Centro de Memória da Educação Brasileira. Rio de Janeiro - RJ

⁵ Hino do Instituto de Educação do Estado da Guanabara (1974) - Acervo do Centro de Memória da Educação Brasileira.

Josefina Figueiredo Antunes conta que, quando voltou ao Instituto de Educação, no ano de 1973, para um evento de ex-alunas, vivenciou uma experiência muito marcante ao cantar o hino composto por José Vieira Brandão. Entoar a música oficial da instituição no prédio da rua Mariz e Barros, no bairro do Maracanã, com suas colegas, décadas depois de formada, foi como reviver o passado. Com a voz embargada e lágrimas contou:

[...] abriu um túnel do tempo na minha frente, um filme de cinema. Eu voltei ao meu tempo de mocinha, eu era muito bonita, parecia que eu estava novamente com o uniforme impecável. Todas nós éramos muito exigidas. Nós cantamos com muita força, a palavra certa é vontade, aquele som vinha da alma. Naquele dia a regente nos chamou para cantar o Hino, a professora Elza, juntou as formadas com o orfeão das alunas. Naquela hora eu vivi novamente. [chorando]. Meus mestres estavam ali: o Viera Brandão, alto sempre muito alinhado; Villa-Lobos, sempre se zangando e com perfume forte. Deus me deixou ser jovem novamente, por alguns minutos. [...] As normalistas estavam diferente, usavam uma beca muito bonita. No meu tempo nós usávamos o uniforme. Não sei o que é mais lindo. Esta tradição do Instituto não pode ser esquecida (ANTUNES, 2012)⁶.

Vale considerar que neste período, na década de 1970, o Instituto de Educação estava passando por um momento em que sua comunidade resistia às perspectivas propedêuticas do governo Militar. Como explica Sonia de Castro Lopes, isso aconteceu por causa da Lei 5.692/71, que alterou a estrutura do Curso Normal, transformado-o no Curso de Formação de Professores de 1ª a 4ª série do, então, 1º grau. Assim, a formação em magistério tornou-se apenas mais um curso profissionalizante, incorporando o perfil das demais habilitações criadas em nível de 2º grau. Perdendo sua especificidade, fato que ameaçava sua identidade, o curso do Instituto “assumiria um caráter propedêutico, recebendo todo impacto negativo sofrido pela política de profissionalização prevista pela reforma de ensino. Comprometia-se a identidade não só do professor, mas também daquela instituição” (LOPES, 2006, p. 21).

Sendo assim, penso que naquele momento o canto da professora Josefina com suas contemporâneas e com as alunas da década de 1970, por meio da letra de Ismael França Campos – professor da disciplina Matemática – e música de José Vieira Brandão era uma expressão de resistência, pois retratava as tradições do Instituto, sua história relacionada ao patriotismo, sua marca nacionalista na trajetória daqueles que passaram por suas carteiras escolares.

⁶ Josefina Figueiredo Antunes. Depoimento ao autor no dia 18 de setembro de 2012, em sua residência, no Bairro de Madureira, Rio de Janeiro, RJ.

A música de José Vieira Brandão leva a empolgação, reforça a poesia que possui um ardor juvenil e triunfal, que retrata orgulhosamente a instituição como fanal, clarão e luzeiro que invade a alma dos seus alunos, que ilumina o caminho e conduz os discentes, como guerreiros paladinos, nos momentos de trabalho e labor. Poesia que igualmente ressalta uma perspectiva de esperança dos cantores do hino num futuro com alegria, paz e amor, como resultado da consagração da vida ao Brasil.

Em outras palavras, a letra do Hino do Instituto de Educação escrita por Ismael França Campos, associada à música composta pelo maestro José Vieira Brandão, ajuda a construir e difundir os ideais nacionalistas de coesão do povo em prol da nação que progride e segue avançando com metas de civilidade, o sentido republicano do período, por meio do estudo e muito trabalho que transformaria a sociedade brasileira. Estes pensamentos cantados evidenciam e caracterizam a consonância da instituição e do compositor e educador musical com a cultura política da Era Vargas.

Considerações finais

As reflexões feitas no decorrer deste estudo foram análises que realizei ao adentrar muitas vezes, literalmente, à sala 133 do Instituto de Educação do Rio Janeiro – local onde aconteciam os ensaios dos Orfeões do Instituto -, ao manusear os documentos do Centro de Memória da Educação Brasileira, ao entrevistar e cantar as canções populares e patrióticas com a professora de Música e Canto Orfeônico Josefina Figueiredo Antunes que, nas décadas 1930 e 1940, transitara por aqueles prédios como estudante, ao lado do seu professor José Vieira Brandão.

Depreendo que o ensaio na sala 133 do Instituto era um momento de experiências coletivas do educador e músico José Vieira Brandão, no qual compartilhou informações, repertório, ideias e juízos de valor sobre o trabalho do músico líder do projeto orfeônico brasileiro, no qual também teve as oportunidades de se aproximar dos mentores e das ideologias e propostas nacionalistas de educação musical para o Brasil. Conforme deixou registrado em seus escritos, este foi o lugar onde encantou-se com o ensino da música, fato que o fez se dedicar à expansão desta expressão artística por meio do canto coletivo, até o fim dos seus dias.

Numa perspectiva de troca e intercâmbio, assim como o educador foi orientado na instituição para trilhar seus primeiros passos pedagógicos, a equipe de professores da disciplina

Música e Canto Orfeônico do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, com a chegada de José Vieira Brandão, passou a contar com um excelente profissional, um jovem que supriu a lacuna pianística que havia entre os docentes efetivos, principalmente no que se refere ao acompanhamento instrumental do Orfeão de Professores do Distrito Federal.

Em outras palavras, posso destacar que José Vieira Brandão era bastante profícuo, tanto nas atividades pedagógicas no Instituto quanto nas atuações exclusivamente musicais no Brasil e no estrangeiro. O jovem docente ensaiava os Orfeões na ausência de Villa-Lobos, executava as difíceis orquestrações transcritas para piano nos ensaios do Orfeão dos Professores do Distrito Federal e ficava por perto tanto para testar as obras villalobianas para piano quanto para executá-las nos palcos e espaços educativos. Assim, compreendo que estas oportunidades nos cursos de formação de professores no Rio de Janeiro foram relevantes para sua consolidação como educador, músico e intelectual nacionalista.

Referência

- BRANDÃO, José Vieira. **Esboço autobiográfico**. Rio de Janeiro: Arquivo do Museu Villa-Lobos, [s. d.].
- BRANDÃO, José Vieira. **Hino do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1942)**. Rio de Janeiro: Acervo do Centro de Memória da Educação Brasileira, 1942.
- BRANDÃO, José Vieira. **Manuscrito da Palestra da Villa-Lobos no Canto Orfeônico**. Apresentada no IV Ciclo de Palestras do Museu Villa-Lobos em 9/6/1969. Arquivo do Museu Villa-Lobos.
- CHAMON, Carla. Simone; FARIA FILHO, Luciano Mendes. A educação como problema, a América como destino: a viagem de Maria Guilhermina. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves (Orgs.). **Viagens pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.
- CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA. **Plano de Desenvolvimento Institucional (2011-2015)**. 2011. Rio de Janeiro.
- FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade do Distrito Federal: uma utopia vetada. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 123, p. 69-73, 1996.
- INSTITUTO NACIONAL DE MÚSICA. **Livro de Diplomas do Instituto Nacional de Música**. Acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ.
- INSTITUTO NACIONAL DE MÚSICA. **Programa do Concurso para Medalha de Ouro do Instituto Nacional de Música de 1928**. Acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 7, 10 nov. 2001. Acervo da Biblioteca do Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário.
- LOPES, Sonia de Castro. **Oficina de Mestres: história, memória e silêncio sobre a Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1939)**. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2006.

MENDONÇA, Ana Waleska Pollo Campos. **Anísio Teixeira e a Universidade de Educação**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga. **Polifonias políticas, identitárias e pedagógicas: Villa-Lobos no Instituto de Educação do Rio de Janeiro na Era Vargas**. 2015. 297f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Jane Borges de Oliveira. **Biografia Documentada de José Vieira Brandão: pianista, educador, regente coral e compositor**. 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Artes) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SILVA, Alexandra Lima da. **Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SIRINELLI, François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). **Por uma nova história política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

SOUZA, Elizeu Clementino. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Orgs.). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 137-156.

SEMA - SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO MUSICAL E ARTÍSTICA. Programa de Formatura da Superintendência de Educação Musical e Artística de 1933. Arquivo do Museu Villa-Lobos.

SEMA - SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO MUSICAL E ARTÍSTICA. Programa do Concerto do Orfeão dos Professores do Distrito Federal. 24 de junho de 1934. Acervo do Museu Villa-Lobos.

Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti - Universidade Federal do Piauí - UFPI. Teresina | PI | Brasil. Contato: ednardomonti@gmail.com

Artigo recebido em: 8 maio 2016 e
aprovado em: 4 jul. 2016.